



A PRÁTICA DA
PRESENÇA DE
DEUS

IRMÃO LAWRENCE
por Nicholas Herman

A Prática da Presença de Deus

Irmão Lawrence

por Nicholas Herman



JOCUM CCI



**UNIVERSIDADE
DAS NAÇÕES**



JOVENS COM UMA MISSÃO

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Sumário

Prefácio	4
----------------	---

Capítulo I

I Conversação	7
II Conversação	10
III Conversação	16
IV Conversação	19

Capítulo II

Carta I.....	26
Carta II	29
Carta III	35
Carta IV	37
Carta V.....	40
Carta VI	42
Carta VII	44
Carta VIII	46
Carta IX	48
Carta X	50
Carta XI.....	52
Carta XII.....	55
Carta XIII	57
Carta XIV	59
Carta XV	61

Prefácio

Há mais de 300 anos, em um convento na França, um homem descobriu o segredo para viver uma vida de alegria. Com a idade de dezoito anos, Nicholas Herman vislumbrou o poder e a providência Divina através de uma simples lição que recebeu da natureza. Ele passou os dezoito anos seguintes, no exército e no serviço público. Finalmente, enfrentando uma “perturbação no espírito” que frequentemente ocorre na meia idade, entrou para um mosteiro, onde se tornou o cozinheiro e o fabricante de sandálias para sua comunidade. Porém, o mais importante, ali começou uma viagem de 30 anos que o levou a descobrir um modo simples de viver alegremente. Nos momentos difíceis como os atuais, Nicholas Herman, conhecido como o Irmão Lourenço,

descobriu e aplicou uma maneira pura e simples de andar constantemente na presença de Deus. O Irmão Lourenço era um homem gentil e de espírito alegre, evitava ser o centro das atenções, sabendo que os entretenimentos externos “estragam tudo”. Logo após a sua morte foram reunidas algumas das suas cartas. Frei José de Beaufort, representante local da arquidiocese, juntou estas cartas com as memórias de quatro conversas que teve com o Irmão Lourenço, e publicou um pequeno livro intitulado “A Prática da Presença de Deus”. Neste livro, Irmão Lourenço diz, simples e maravilhosamente, a forma de caminhar continuamente com Deus, com uma atitude que não nasce da cabeça, mas a partir do coração. Irmão Lourenço legou-nos um modo de vida que está disponível para todos os que buscam conhecer a paz e a presença de Deus, de modo que qualquer pessoa, independentemente da idade ou das circunstâncias que atravessem, possam praticarem em qualquer lugar e a qualquer momento. Uma das coisas agradáveis com relação à prática da Presença de Deus, é que este é um método completo. Em quatro conversas e quinze cartas, muitas das quais foram escritas para uma freira amiga do Irmão Lourenço, encontramos uma maneira direta de viver na presença de Deus, que hoje, trezentos anos depois, continua sendo prática.

CAPÍTULO UM

As suas conversações

PRIMEIRA CONVERSÃO

Vi o Irmão Lourenço pela primeira vez em 3 de agosto de 1666. Ele me disse que Deus tinha-lhe feito um favor singular quando se converteu na idade de dezoito anos. Durante o inverno, vendo uma árvore despojada de sua folhagem, e considerando que em breve voltariam a brotar as suas folhas e depois apareceriam às flores e os frutos, Irmão Lourenço recebeu uma visão da Providência e do Poder de Deus que nunca se apagou de sua alma. Esta visão o liberou totalmente do mundo, e incendiou nele um grande amor por Deus. Tão grande era esse amor que ele não podia dizer que tinha aumentado nos quarenta anos que se passaram. Irmão Lourenço disse que ele tinha servido a M. Fieubert, o tesoureiro, porém com tanta torpeza que quebrava tudo. Desejava ser recebido em um mosteiro pensando que ali poderia mudar a sua torpeza e as faltas que havia cometido por uma vida mais desperta. Ali ofereceria a vida e seus prazeres como um sacrifício a Deus, porém Deus o havia decepcionado, pois a única coisa que tinha encontrado naquele estado era a satisfação. Devemos reafirmar a nossa vida na realidade da Presença de Deus, conversando continuamente com Ele. Seria vergonhoso deixar de falar com Ele para

falar e pensar em insignificâncias e em bobagens. Devemos alimentar e nutrir as nossas almas, enchendo-as com pensamentos enaltecidos sobre Deus, e isso nos enchera de grande alegria por estarmos dedicados a Ele. Devemos acrescentar e dar vida à nossa fé. É lamentável que tenhamos tão pouca fé. Em vez de permitir que a fé governe sua conduta, os homens se entretêm com devoções triviais, que vão mudando diariamente. Irmão Lourenço disse que o caminho da fé é o espírito da Igreja, e isso é suficiente para levar a um elevado grau de perfeição. E que devemos nos entregar a Deus tanto nas coisas temporais como nas espirituais, e procurar a nossa satisfação apenas no cumprimento de sua vontade, quer seja que Ele nos conduza através do sofrimento ou através da consolação. Tudo deveria ser igual para uma alma verdadeiramente entregue a Ele. Disse que precisamos de fidelidade nos momentos de aridez espiritual, insensibilidade e tédio, coisas por meio das quais Deus testa o nosso amor por Ele; esses momentos são propícios para que façamos bons e eficazes atos de entrega, atos que devem ser repetidos com frequência para facilitar o nosso progresso espiritual. Dizia ainda que embora ouvisse diariamente sobre as misérias e os pecados que estão no mundo, estava longe de se surpreender, pelo contrário, ficava surpreso que não houvesse mais maldade, considerando-se os males que eram

capazes os pecadores. Ele, entretanto, orava por eles. Mas sabendo que Deus poderia remediar os estragos que fizeram quando Lhe aprouvesse, ele não se deixava vencer por preocupações como estas. Irmão Lourenço dizia que para chegar à entrega que Deus requer, temos de vigiar atentamente todas as paixões que se misturam tanto com as coisas espirituais como com aquelas de natureza mais bruta. Se desejamos verdadeiramente servir a Deus, Ele nos dará luz com relação a essas paixões. No final dessa primeira conversa, Irmão Lourenço me disse que se o objetivo da minha visita fosse discutir sinceramente sobre uma forma de servir a Deus, que poderia ir vê-lo quantas vezes quisesse, sem medo de ser inoportuno. Porém se não era esse o caso, então não deveria visitá-lo mais.

SEGUNDA CONVERSÃO

Irmão Lourenço me disse que ele sempre era regulado pelo amor, sem atitudes egoístas. E desde que decidi fazer pelo amor de Deus o fim de todas as suas ações, tinha encontrado motivos para estar muito satisfeito com seu método. Também estava satisfeito quando podia levantar uma folha seca do solo por amor a Deus, procurando apenas a Ele, e nada mais que Ele, nem sequer buscar os seus favores. Durante muito tempo estive mentalmente angustiado por acreditar que seria condenado. Nem todos os homens do mundo poderiam tê-lo persuadido do contrário. Finalmente raciocinou consigo mesmo desta maneira: não estou envolvido na vida religiosa exceto por amor a Deus, e tenho me esforçado para fazer para Ele tudo que faço. Qualquer que seja a minha situação, quer esteja perdido ou salvo, continuarei sempre a trabalhar exclusivamente por amor a Deus. Pelo menos vou ter este direito, que até a morte terei feito todo o possível para amá-Lo. Durante quatro anos tinha ficado com esta angústia mental; e durante este tempo tinha sofrido muito. No entanto, desde aquele tempo havia vivido em uma liberdade perfeita e contínua alegria. Colocou seus pecados diante de Deus, tal como eram, para dizer

que não merecia seus favores, mas sabia que Deus iria continuar outorgando seus favores abundantemente. Irmão Lourenço disse que, a fim de formar o hábito de conversar com Deus continuamente e de lhe mencionar tudo o que fazemos, a princípio temos de dedicar-nos a Ele com algum esforço: mas depois de um pequeno período, deveríamos encontrar que o seu amor nos move a fazê-lo internamente, sem qualquer dificuldade. Ele esperava que, depois dos dias agradáveis que Deus concedeu-lhe, teria um tempo de dor e sofrimento. Embora ele não estivesse preocupado com isso, sabendo muito bem que ele não podia fazer nada por si mesmo, Deus não deixaria de dar-lhe forças para enfrentar. Quando surgia a oportunidade de praticar uma obra bondosa, se dirigida a Deus, dizendo: “Senhor, eu não posso fazer isso a menos que me capacites.” E então recebia forças mais do que suficientes. Quando havia falhado no seu dever, apenas confessava sua falta, dizendo para Deus: “Eu nunca poderia fazer diferente se me deixares entregue as minhas próprias forças. É você quem deve impedir a minha queda, e corrigir o que está errado.” Após a confissão, já não sentia qualquer preocupação com o que foi feito. Irmão Lourenço dizia que com relação a Deus, temos de agir com a maior simplicidade, falando com Ele franca e claramente, e implorando sua ajuda em todos os nossos assuntos. Deus nunca

havia falhado em conceder-lhe seu auxílio, e Irmão Lourenço o tinha experimentado com freqüência. Ele disse que tinha sido enviado recentemente para Borgonha, para comprar a provisão de vinho para a comunidade. Esta tarefa lhe resultava muito pouco grata, porque ele não tinha qualquer inclinação para o negócio, e porque era coxo e não poderia lidar com o seu trabalho no barco, a não ser rodando sobre os barris. No entanto se entregou a essa tarefa e à compra do vinho, sem qualquer descontentamento. Ele disse que Deus se ocupou desse negócio, e o fez muito bem. Ele mencionou que no ano anterior tinha sido enviado para Auvergne com a mesma missão, e embora não pudesse dizer como, tudo tinha resultado muito bem. Da mesma forma cumpria com seu trabalho na cozinha (a qual por natureza tinha uma grande aversão), onde tinha se acostumado a fazer tudo por amor a Deus. Durante os quinze anos que havia trabalhado na cozinha, tudo tinha sido fácil, porque o fez com a oração e movido pela graça de Deus. Estava muito satisfeito com a posição que ocupavam agora, mas que estava pronto para voltar a anterior, devido à sempre estar agradando a Deus em qualquer condição, fazendo as coisas pequenas por amor a Ele. Para o Irmão Lourenço os momentos de oração, não eram diferentes dos que haviam sido no passado. Retirava-se para orar, de acordo com as diretrizes do seu superior, mas não queria esse

tipo de retiro nem os solicitava, porque nem o maior trabalho lhe distraía da presença de Deus. Porque conhecia sua obrigação de amar Deus em todas as coisas; como ele havia se esforçado para fazê-lo assim, não necessitava que um diretor espiritual lhe desse uma ordem, mas sim, que necessitava de um confessor para lhe absolver dos pecados. Ele disse que era muito sensível com suas faltas, elas não o desanimavam. As confessava a Deus, sem dar nenhuma desculpa. Quando o fazia, com toda a paz, restabelecia a sua habitual prática de amor e de adoração. Irmão Lourenço não consultava ninguém sobre suas inquietudes mentais. Pela luz que lhe dava a fé, ele sabia que Deus estava presente, então lutava consigo mesmo tratando de dirigir todas as suas ações para Ele. Tudo o fazia movido pelo desejo de agradar a Deus, aceitando os resultados que se produziam. Ele disse que os pensamentos inúteis arruínam tudo, que as dores começam aí. Assim que percebemos a sua impertinência devemos rejeitá-los e voltar à nossa comunhão com Deus. No começo, freqüentemente havia gasto o seu tempo de oração rejeitando pensamentos erráticos e voltando a cair neles. Nunca tinha regulado sua devoção por certos métodos como o fazem alguns. No entanto, inicialmente, tinha praticado meditação durante um tempo, mas depois havia deixado de lado de uma maneira quase inexplicável. Irmão Lourenço enfa-

tizava que todas as mortificações corporais e outros exercícios eram inúteis, a menos que servissem para unir-se com Deus através do amor. Havia considerado bem isto. Constatou que o caminho mais curto para ir diretamente a Deus era exercitando o amor continuamente através de um exercício contínuo de amor, e fazendo todas as coisas por amor a Ele. Ele notou que havia uma grande diferença entre os atos do intelecto e os da vontade. Os atos do intelecto eram comparativamente de pouco valor. Os atos da vontade eram todos importantes. Nosso único dever é o de amar Deus e deleitar-nos n'Ele. Nenhum tipo de mortificação pode excluir um único pecado, se invalida o amor de Deus. Em vez disso, e sem nenhuma ansiedade, devemos esperar o perdão de nossos pecados que provem do sangue de Jesus Cristo, apenas esforçando-se para amá-lo com todo o nosso coração. Ele observou que Deus parecia ter concedido os maiores favores aos maiores pecadores, como se fossem monumentos comemorativos de sua misericórdia. Irmão Lourenço disse que as maiores dores ou prazeres deste mundo não podiam ser comparados com aqueles que ele havia experimentado nesse estado espiritual. Como resultado de tudo isto, só desejava uma coisa: não ofender a Deus. Ele disse que não carregava nenhuma culpa. Quando falho nos meus deveres, reconheço rapidamente, dizendo: “Estou habituado a fazê-lo assim.

Nunca poderei mudar por mim mesmo. E se não falho, então dou graças a Deus, reconhecendo que isto vem de Deus”.

TERCEIRA CONVERSÃO

Irmão Lourenço disse-me que a base de sua vida espiritual tinha sido a aquisição pela fé de um alto conceito e valorização de Deus; e depois de terem sido adquiridos, já não tinha nenhum outro cuidado a não ser o de rechaçar fielmente todos os outros pensamentos, para poder assim fazer tudo por amor a Deus. Que quando não tinha nenhum pensamento sobre Deus por um tempo, não se perturbava, porque depois de ter reconhecido este fato lamentável diante de Deus, retornava a Ele com muito mais confiança. Ele disse que a confiança que depositamos em Deus honra ao Senhor enormemente, e faz descer sobre nós grandes graças. Que era impossível não somente enganar a Deus, mas também era impossível para uma alma sofrer durante muito tempo, se é que estava perfeitamente entregue a Ele e determinada a suportar qualquer coisa por amor a Ele. Desta forma o Irmão Lourenço havia experimentado freqüentemente o imediato socorro da Graça Divina. E devido a sua experiência com a graça de Deus, quando tinha um trabalho para fazer, não pensava nele com antecedência, mas só quando chegava a hora de fazer, e encontrava como refletido em Deus (como em um espelho, evidentemente) tudo o que era adequado

fazer. Quando os trabalhos externos lhe distraíam um pouco de seus pensamentos sobre Deus, uma lembrança fresca proveniente de Deus lhe enchia a alma, e assim era tão inflamado e transportado que lhe resultava difícil conter-se. Ele disse que estava mais unido a Deus em seu trabalho externo, que quando o deixava de lado para retirar-se a fazer as suas devoções. Sabia que no futuro teria uma grande dor física ou mental, e que o pior que podia acontecer era perder esse sentimento de Deus, que tinha desfrutado durante tanto tempo, mas que a bondade de Deus assegurava-lhe que não lhe abandonaria totalmente, e que lhe daria força para suportar qualquer mal que lhe suceder com a permissão de Deus. Portanto, não tinha nenhum medo. Não tinha tido a ocasião de consultar nada sobre seu estado. Que quando ele tentou fazê-lo, sempre tinha saído mais perplexo; e que como estava ciente de sua disposição de dedicar sua vida a Deus por amor a Ele, não tinha nenhum medo do perigo. Que a entrega perfeita a Deus era um caminho seguro ao céu, um caminho no qual temos sempre suficiente luz para saber nos conduzir. Que o principal da vida espiritual, é ser fiel no cumprimento de nossos deveres e negarmos a nós mesmos; e quando o fazemos desfrutamos de prazeres inefáveis: que nas dificuldades somente necessitamos recorrer a Jesus Cristo, e suplicar por sua graça, com a qual tudo chega a ser fácil. Muitos

não crescem como cristãos, porque se agarram às penitências e exercícios particulares, mas negligenciam o amor de Deus, que é a meta de tudo. Que isto se manifesta claramente por suas obras, e é a razão por que se vêem tão poucas virtudes sólidas. Que não precisava nem arte ou ciência para ir a Deus, mas apenas um coração resolutamente determinado a não dedicar-se a outra coisa a não ser Deus, do amor a Deus e de amar somente a Ele.

QUARTA CONVERSÃO

Irmão Lourenço conversou comigo com muita frequência, e com grande abertura de coração, com respeito à maneira de ir a Deus, o que aliás, já mencionamos alguma coisa. Me disse que tudo consiste de uma renúncia de coração a todas as coisas que nos impedem de chegar a Deus. Podemos nos acostumar a conversarmos continuamente com Ele com liberdade e simplicidade. Para nos dirigirmos a Ele a cada momento, só necessitamos reconhecer que Deus está intimamente presente conosco, e que podemos pedir sua ajuda para conhecer a sua vontade em coisas duvidosas, e fazer corretamente aquelas coisas que nós compreendemos claramente que Ele exige de nós. Na nossa conversa com Deus, devemos também louvá-lo, adorá-Lo e amá-Lo pela sua infinita bondade e perfeição. Sem desanimarmos pela soma dos nossos pecados, devemos orar pedindo sua graça com uma perfeita confiança, acreditando nos méritos infinitos do nosso Senhor, porque Deus nunca deixa de oferecer continuamente sua graça. Irmão Lourenço viu isso muito claramente. Deus jamais deixou de oferecer sua graça, exceto quando os pensamentos do Irmão Lourenço começavam a divagar e perdiam seu sentido da presença de Deus,

ou quando se esquecia de pedir Sua ajuda. Quando não temos outro propósito na vida exceto o de agradar-Lhe, Deus sempre nos dá luz em nossas dúvidas. A nossa santificação não depende de uma mudança de atividades, mas de fazer para a glória de Deus tudo o que comumente fazemos a nós mesmos. Pensava que era lamentável ver como muita gente confunde os meios com o fim, dedicando-se a fazer certas coisas muito imperfeitamente por causa de suas considerações humanas ou egoístas. O método mais excelente que havia encontrado para ir a Deus, era fazer as coisas mais comuns sem tratar de agradar aos homens, mas unicamente por amor a Deus. Irmão Lourenço sentia que era uma grande ilusão pensar que o tempo dedicado à oração era diferente de outros momentos do dia. Estamos estritamente obrigados a unirmos a Deus através da ação no momento da ação, e por meio da oração na hora da oração. Sua própria oração nada mais era que um sentimento da presença de Deus, quando sua alma não era sensível a nada, exceto ao Amor Divino. E quando terminava seus momentos dedicados à oração, não encontrava qualquer diferença, porque permanecia com Deus, louvando e bendizendo com toda a sua capacidade. Assim passava sua vida em uma alegria contínua, mas esperava que Deus permitir-lhe-ia algum sofrimento quando estivesse mais forte. Irmão Lourenço dizia que, de

uma vez por todas, deveríamos colocar toda nossa confiança em Deus e nos entregar totalmente a Ele, seguros de que não nos decepcionará. Não devemos nos cansar de fazer as coisas pequenas por amor a Deus, porque Ele não leva em conta o tamanho da obra, mas o amor com que a realizamos. Que não devemos nos surpreender se no princípio, falharmos freqüentemente em nossos intentos, mas que ao final adquiriremos um hábito que naturalmente nos fará agir sem que nos preocupemos com ele, para nosso maior deleite. A base da religião era a fé, a esperança e a caridade, e se as praticarmos chegaremos a estar unidos à vontade de Deus. Todo o resto é de menor importância, e deve ser utilizado como um meio para chegar a nosso objetivo, e então todo o resto deve ser absorvido pela fé e o amor. E todas as coisas são possíveis para o que crer, são menos difíceis para o que espera, e são mais fáceis para o que ama, e ainda mais fáceis para o que persevera na prática destas virtudes. O fim de que devemos perseguir é: tornar-se nesta vida, os adoradores de Deus mais perfeitos que possamos ser, os adoradores que esperamos ser por toda eternidade. Dizia que quando chegarmos a esse nível espiritual deveríamos considerar e examinar a fundo o que somos. E então nos encontraríamos dignos de todo o desprezo, e não merecedores do nome de cristãos, sujeitos a toda sorte de misérias e de inúmeros acidentes que nos preocupam e cau-

sam vicissitudes perpétuas em nossa saúde, nossos humores, nossas disposições internas e externas. Somos pessoas que Deus poderia humilhar através de muitas dores e trabalhos, interiores e exteriores. Após isto, não deveríamos surpreender-nos que os homens nos tentem, se oponham a nós e nos contradigam. Pelo contrário, devemos nos submeter a essas provas, e suportá-las tanto como Deus queira, porque são coisas altamente vantajosas para nós. A maior perfeição a que pode aspirar uma alma, é a total dependência da Misericórdia Divina. Sendo questionado por alguém de sua própria comunidade (para quem estava obrigado a abrir-se), sobre o meio pelo qual ele tinha obtido esse sentimento da presença de Deus, disse-lhe que, uma vez que ele tinha chegado ao mosteiro havia considerado a Deus como o fim de todos os seus pensamentos e desejos, como a meta a qual todos devem aspirar, e na qual todos devem terminar. Ele lembrou que no início de seu noviciado passava as horas indicadas para oração privada pensando em Deus, tratando de convencer a sua mente e de impressionar profundamente o seu coração da existência de Deus, e o fazia melhor por meio dos sentimentos de devoção e por submissão a luz que lhe dava a fé, que por estudados raciocínios e elaborada meditação. Por este método simples e seguro, se exercitou no conhecimento e no amor de Deus, resolvendo utilizar seus maiores

esforços para viver em um contínuo sentimento de sua presença, e, se possível, não esquecer jamais a Deus. Então, depois de encher a sua mente com o sentimento daquele Ser Infinito, ia trabalhar na cozinha (porque ele era o cozinheiro da comunidade). Lá, em primeiro lugar considerava cada uma das coisas que precisava de sua participação, e quando e comovia ser feita a cada coisa, e antes de iniciar sua ação dizia a Deus, com a confiança de um filho a seu Pai: “Oh, meu Deus, porque você está comigo, e porque agora devo, em obediência às suas ordens, aplicar minha mente a essas coisas externas, eu suplico-lhe conceder-me a graça de continuar em sua presença, e encaminhar-me para este fim com a sua ajuda. Aceita todos os meus trabalhos, e possui todos os meus afetos. Enquanto trabalhava continuava sua conversação familiar com seu Criador, implorando sua graça, e oferecendo a Ele todos os seus atos. Quando terminava, examinava a si mesmo para ver como tinha cumprido o seu dever. Se viu que tinha feito bem, dava graças a Deus. Se não tivesse feito bem, Lhe pedia perdão, e sem desanimar-se, de novo colocava a mente em ordem. Então continuava seu exercício da presença de Deus, como se nunca tivesse se afastado Dele. “Desta forma”, disse ele, “me levantava depois de minhas faltas, e mediante renovados e freqüentes atos de fé e amor, tenho chegado a um estado no

qual é difícil não pensar em Deus, o que no princípio era difícil me acostumar com isso. “Porque o Irmão Lourenço tinha encontrado uma vantagem tal em andar na presença de Deus, era natural que a recomendasse a outras pessoas encarecidamente. Porém o que é mais surpreendente, seu exemplo era um incentivo mais forte do que qualquer argumento que poderia ser proposto. No seu semblante se via com tal devoção doce e calma, que não poderia não afetar aqueles que contemplavam. E não se poderia deixar de ver que, nos momentos de maior aflição no trabalho na cozinha, ele continuava mantendo suas idéias e inclinações celestiais. Nunca estava aflito ou ocioso, mas fazia cada coisa no seu devido tempo, com uma calma e tranqüilidade de espírito que não se interrompiam nunca. Dizia: “Para mim, o tempo de trabalho não é diferente do momento de oração, e no meio do barulho e alvoroço da minha cozinha, com várias pessoas pedindo coisas diferentes ao mesmo tempo, tenho uma grande tranqüilidade em Deus, como se estivesse sobre meus joelhos na Santa Ceia”.

CAPÍTULO DOIS

As cartas

CARTA I

Devido ao fato que desejas tão ardentemente que te comunique o método pelo qual tenho experimentado esta habitual sensação da presença de Deus, que o Senhor em sua misericórdia tem se agradado em conceder-me, devo lhe dizer que você me convenceu com sua obstinação. Mas vou compartilhá-la com você, na condição de que não mostre a minha carta a ninguém. Se eu souber que permitiu a outro ver, todo o desejo que tenho que tu progridas não será capaz de convencer-me do que fizera. O que posso relatar é o seguinte: eu encontrei em muitos livros diversos métodos diferentes para chegar a Deus, e várias práticas de vida espiritual, mas acho que isso, antes de facilitar o que eu estava procurando (que não era outra coisa a não ser pertencer inteiramente a Deus), mais me confundiu. Assim foi que tomei a decisão de me entregar completamente a Deus. Depois de ter me entregado inteiramente a Deus e de fazer todo tipo de emendas possíveis por meus pecados, por amor a Ele, renunciei a tudo que estava fora Dele, e comecei a viver como se não houvesse outras pessoas no mundo, nada mais que Ele e eu. Às vezes me colocava diante dele como um pobre criminoso aos pés do seu juiz, e outras vezes

o contemplava no meu coração como o meu Pai e meu Deus: Lhe adorava com tanta freqüência como poderia fazê-lo, mantendo minha mente em sua santa Presença, e trazendo-o a minha mente, quando percebia que estava divagando inadvertidamente e não pensando Nele. Este exercício me produzia um pouco de dor, mas continuava fazendo, e apesar de todas as dificuldades que surgiam, sem inquietar-me quando minha mente divagava involuntariamente. Esta foi a minha tarefa, tanto durante o dia inteiro no trabalho como nos momentos de oração; a qualquer momento, a cada hora e cada minuto, mesmo nos momentos de trabalho mais pesado, retirando de minha mente qualquer coisa que possa interromper os meus pensamentos sobre Deus. Esta tem sido a minha prática desde que entrei na religião, e, embora tenha feito muito imperfeitamente, não obstante tenho encontrado grandes vantagens em fazê-lo. Tudo isto, sei muito bem, deve-se atribuir a mera misericórdia e bondade de Deus, porque não podemos fazer nada sem Ele, e ainda menos do que nada. Quando somos fiéis a manter-nos na sua Santa Presença, e temos Deus sempre diante de nós, não podemos ofendê-lo ou fazer algo que o desagrade. Também nos produz uma santa liberdade, e se posso falar assim, uma familiaridade tal com Deus, que quando pedimos algo, Ele nos concede as graças que necessitamos. No final, ao repetir freqüentemente

essas ações, elas tornam-se habituais, e a presença de Deus torna-se natural para nós. Por favor, una-se a mim para dar-Lhe graças por sua grande bondade para comigo (bondade que nunca deixa de me surpreender), pelos muitos favores que Ele tem feito a um pecador tão miserável como eu. Que todas as coisas Lhe louvem. Amem.

CARTA II

Não tenho qualquer problema com o meu método para viver a vida espiritual; porém como não encontrei nada disso em nenhum livro, para ter uma maior segurança, gostaria de ouvir o que pensa sobre este assunto. Numa conversa que tive alguns dias com uma pessoa piedosa, ela me disse que a vida espiritual era uma vida sem graça, que começa com um temor servil, que é reforçada pela esperança da vida eterna e que é consumada por puro amor; que cada um desses estados tinha diferentes fases, através das quais se chega àquela bendita consumação. Eu não tenho seguido esses métodos. Pelo contrário, não sei exatamente por qual reação natural, os achei desalentadores. Esta foi a razão pela qual, quando entrei para religião, tomei a decisão de entregar-me a Deus, tentando fazer o melhor que podia para dar uma satisfação pelos meus pecados; e por amor a Ele, renunciar a todos eles. Durante os primeiros anos, no tempo dedicado as devoções, minha mente geralmente estava cheia de pensamentos de morte, do juízo, do inferno, do céu, e dos meus pecados. E assim continuei durante alguns anos, porém durante o resto do dia, embora no meio do meu trabalho, aplicava cuidadosamente

minha mente à presença de Deus, a quem considerava sempre como se estivesse comigo, e freqüentemente em mim. Com o passar do tempo, e quase sem perceber, comecei a fazer o mesmo durante o meu tempo de oração, o que me causava grande deleite e satisfação. Esta prática produziu em mim um amor tão grande por Deus, que a fé só era suficiente para me satisfazer. Assim foi o meu começo; embora eu deva dizer que, durante os primeiros dez anos sofri muito: o medo de não estar consagrado a Deus como ansiava estar, meus pecados passados sempre presentes na minha mente, e os grandes e imerecidos favores que Deus me dava, eram o objeto e a origem de meus sofrimentos. Durante este tempo eu tinha quedas freqüentes, mas logo me levantava de novo. Me parecia que todas as criaturas, a razão, e o próprio Deus estavam contra mim, e que somente a fé estava a meu favor. Às vezes me preocupava com pensamentos como estes: acreditava que era um presunçoso por ter recebido esses favores, pensando que tinha a intenção de ir muito mais rápido aonde outros chegam com dificuldade. Outras vezes, que era um engano intencionado, e que não havia salvação para mim. Quando não pensava em outras coisas, se não em estar cheio dessas preocupações, até ao fim dos meus dias (embora sua confiança em Deus não houvesse diminuído e tais pensamentos serviam apenas para aumentar a minha fé), per-

moderar os meus sentimentos e evitar que os outros percebam. Em resumo, tenho a certeza absoluta de que minha alma tem estado com Deus durante estes trinta anos. Para não ser enfadonho omito muitas coisas, ainda que penso que é apropriado lhes dizer como me considero diante de Deus, a quem vejo como meu Rei. Considero-me como o pior dos homens, cheio de chagas e corrupção, e que tenha cometido todos os tipos de crimes contra o seu Rei. Com um verdadeiro arrependimento lhe confesso todas as minhas maldades, lhe peço perdão, me abandono em suas mãos, para que Ele faça comigo o que queira. Este Rei, cheio de misericórdia e de bondade, longe de me punir, me abraça com amor, me senta em sua mesa para comer, me serve com suas próprias mãos, me dá à chave de seus tesouros, conversa e deleita-se comigo incessantemente em milhares e milhares de maneiras diferentes, e me trata de todas as maneiras como o seu favorito. É assim que me considero de vez em quando, em sua santa presença. Meu método mais comum é esta simples atenção, uma contemplação totalmente apaixonada de Deus; a quem me encontro freqüentemente unido com uma doçura e deleite maiores do que aqueles que experimenta um bebê no seio de sua mãe. Se me atrevo a usar esta expressão, também deveria chamar a este estado de âmago de Deus, pela inexpressível doçura que desfruto e experimento ali.

cebi uma mudança em mim, e a minha alma, que até então estava submersa em tais preocupações, sentiu uma profunda paz interior, como se tivesse chagado no centro do lugar de repouso. Desde aquele tempo, simplesmente caminho sempre diante de Deus, na fé, com humildade e amor; e me dedico diligentemente a não fazer nem pensar nada que possa Lhe desagradar. Quando tiver feito o que eu posso, espero com confiança que Ele fará comigo o que seja do seu agrado. Quanto ao que acontece no presente, quase não posso expressar. Não experimento nenhuma dor ou dificuldade, porque não tenho outra vontade fora da vontade de Deus, a qual me esforço para cumprir em todo, aos quais estou tão rendido, que não levanto uma palha do solo se isso contradiz as suas ordens, e não faço nada que não seja exclusivamente por amor a Ele. Eu deixei de lado todas as formas de oração e devoção exceto aquelas a que me obriga o meu estado. Faço isso somente para perseverar na sua santa presença, o que mantenho prestando uma simples atenção a Deus e dando-Lhe meu afeto em sua totalidade; ou seja, mantendo o que eu posso chamar de uma real presença de Deus ou, para dizer melhor, uma conversa habitual, silenciosa e secreta da alma com Deus, conversa que freqüentemente me enche de alegria e me captura interiormente e às vezes exteriormente, de maneira tal que me vejo obrigado a

Se às vezes por necessidade ou enfermidade meus pensamentos se distraem deste estado de doçura, neste momento, minhas emoções interiores o trazem à minha mente, tão encantador e delicioso que eu não posso descrevê-Lo. Espero que com reverência reflexiones melhor sobre minhas grandes desgraças, das quais estais perfeitamente informado, e sobre os grandes favores que Deus me faz, tão indigno e sem gratidão como sou. Com respeito às minhas horas de oração, não são nada mais do que uma continuação do mesmo exercício. Às vezes me sinto como uma pedra na frente de um escultor, com a qual fará uma estátua: assim apresentando-me diante de Deus, desejo que ele esculpa sua perfeita imagem em minha alma, e transforme por completo à sua imagem. Em outras ocasiões, quando me dedico à oração, sinto que toda a minha alma e todo meu espírito se elevam sem nenhum esforço da minha parte; e continuam como se estivessem suspensos e fixos firmemente em Deus, que é como seu centro e lugar de repouso. Sei que alguns qualificam a este estado como inatividade, engano e egoísmo. Confesso que é uma santa inatividade, e que poderia ser um feliz egoísmo, si a alma nesse estado fosse capaz disso; porque em efeito, enquanto está nesse repouso, não pode ser turbada por aqueles atos que estava anteriormente acostumada, e que se apoiava, mas que agora são mais um obstáculo que uma aju-

da. No entanto, eu não posso suportar que a isso se chame engano, porque a alma que assim se deleita em Deus não deseja que nada a aparte dele. Se este é um engano em mim, está em Deus remediar. Que Ele faça comigo o que queira fazer: Ele é a única coisa que desejo; meu desejo é estar totalmente entregue a ele. No entanto, me faça o favor de dar sua opinião, a que sempre presto muita atenção, porque tenho uma singular estima por seu respeito em relação a mim, e eu pertença a você.

CARTA III

Nós temos um Deus cuja graça é infinita, e que conhece todos os nossos desejos. Sempre penso que Ele poderia aliviar-te ao extremo. Ele virá a seu tempo, quando você menos esperar. Confia Nele mais do que nunca. Agradece comigo pelos favores que te faz, particularmente pela fortaleza e paciência que te dá em tuas aflições. Isto é um sinal de cuidado que tem por você. Consola-te Nele, e agradeça por tudo. Eu também admiro a coragem e a fortaleza de M -. Deus deu-lhe uma boa disposição, e muito boa vontade, mas nele ainda há um pouco de mundo, e uma grande porção de juventude. Espero que a aflição que Deus lhe enviou proporcione um bom remédio para essas coisas, e lhe fará aprofundar sua vida espiritual. É um acidente muito apropriado para chamar a colocar toda a sua confiança Nele, que o acompanha constantemente. Que possa pensar Nele freqüentemente, especialmente estando no meio dos maiores perigos. Elevar o coração um pouco é suficiente, uma pequena lembrança de Deus, um ato de adoração interior, mesmo no meio da marcha com uma espada na mão, são orações que, embora curtas, porém, são muito aceitáveis para Deus. E longe de diminuir a coragem de um soldado em perigo, serão

muito úteis para fortificá-lo. Então que ele pense em Deus tanto quanto possa, para gradativamente se acostumar com esse pequeno, porém santo exercício. Ninguém percebe, e nada é mais fácil do que repetir muitas vezes durante o dia estas pequenas adorações interiores. Por favor, recomende que pense em Deus tanto quanto possa da maneira como aqui indiquei. É muito adequado e necessário para um soldado, que está exposto diariamente aos perigos da vida. Espero que Deus ajude a ele e a toda sua família, a quem sirvo, sendo deles e seu.

CARTA IV

Aproveito esta oportunidade para comunicar aos sentimentos de um dos membros da nossa comunidade no que diz respeito aos efeitos admiráveis, e a contínua ajuda que recebe da presença de Deus. Que você e eu tiremos proveito dela. Esteja ciente de que, durante os anos que ele tem estado na religião, que são mais de quarenta, seu continuo cuidado tem sido estar sempre com Deus, e não fazer nada, não dizer nada, nem pensar nada que poderia desagradar a Deus. Tudo isto sem nenhum outro interesse a não ser puramente o amor a Ele, e porque Ele merece infinitamente mais. Está tão acostumado a presença Divina, que é continuamente ajudado por ela. Durante cerca de trinta anos, sua alma tem estado preenchida com alegrias contínuas, e às vezes tão grandes, que se vê obrigado a moderar-los e a ocultar suas manifestações exteriores. Se algumas vezes está ausente da presença divina, Deus se faz sentir em sua alma para lembrá-lo; o que geralmente acontece quando está muito envolvido no seu trabalho exterior: ele responde com exata fidelidade a estes impulsos interiores, elevando o seu coração a Deus, ou contemplando gentilmente, ou expressando seu amor através de palavras tais

como: “Meu Deus, estou aqui totalmente consagrado a Ti: Senhor, faze-me, de acordo com o seu coração”. E então sente (ele sente como um efeito) que esse Deus de amor, satisfeito com estas poucas palavras, repousa novamente na profundidade e no centro de sua alma. Experimentar estas coisas lhe dá a segurança de que Deus está sempre em profundidade, no fundo de sua alma, e não há nada que o faça duvidar disso. Julga por si mesmo qual é o contentamento e satisfação que desfruta: encontra em si mesmo continuamente um tesouro tão grande que já não está imerso em uma busca ansiosa; o tem aberto diante dele, e pode tomar o que quiser. Ele reclama muito da nossa cegueira, e freqüentemente suplica que devemos ser piedosos e estar contentes com tão pouco. Deus, diz ele, tem um tesouro infinito para nos outorgar, e que nos podemos tê-lo em um momento, apenas com um pouco de devoção consciente. Cegos como somos, entorpecemos a ação de Deus, e detemos a corrente de sua graça. Mas quando Deus encontra uma alma cheia com uma fé viva, derrama nela suas graças e favores plenamente, que flui como uma torrente que, depois de haver sido detida pela força em seu curso natural, quando encontra uma passagem, se derrama impetuosa e abundantemente. Sim, somos nós que detemos esta torrente pelo baixo valor que a damos. Mas não o detenhamos mais: entremos

em nós mesmos e derrubemos a barragem que o detém. Façamos caminho para a graça; resgatemos o tempo perdido, porque temos pouco tempo, a morte nos segue de perto; estejamos bem preparados para isso; porque morremos apenas uma vez, e um fracasso pode ser irremediável. Repito: entremos em nós mesmos. O tempo nos pressiona: não há lugar para demoras; a nossa alma está em jogo! Acho que você deu os passos certos, e que não serás apanhado de surpresa. Te advirto que esta é a única coisa necessária. No entanto, devemos trabalhar sempre desta forma, porque na vida espiritual não avançar, é retroceder. Mas aqueles que têm o sopro do Espírito Santo seguem adiante, mesmo quando dormem. Se o vaso da nossa alma ainda está agitado com ventos e tempestades, despertemos ao Senhor que repousa nele, e Ele rapidamente acalmara o mar. Tomei a liberdade de compartilhar com você estes bons sentimentos, para que você possa compará-los com os seus: te servirão para acender-los e inflamá-los novamente, se por desgraça (o qual Deus proíbe, porque poderia certamente ser uma grande desgraça) seus sentimentos estiverem esfriado um pouco ou muito. Então, recordemos você e eu os primeiros favores recebidos. Tiremos proveito do exemplo e dos sentimentos deste irmão, que é pouco conhecido no mundo, mas conhecido por Deus, e extremamente mimado por ele. Orarei por você. Por favor, também ore por mim, porque sou teu em nosso Senhor.

CARTA V

Hoje eu recebi dois livros e uma carta da Irmã M - que se prepara para fazer seus votos, e deseja as orações de sua sagrada comunidade, e as suas em particular sobre este assunto. Percebo que conta muito com elas. Ora para que não desanime. Roga a Deus que ela possa fazer seu sacrifício só por amor a Ele, e com uma firme resolução de ser inteiramente dedicada a Ele. Vou enviar-lhe um daqueles livros que tratam da presença de Deus; um tema que, em minha opinião, contém o todo da vida espiritual. Me parece que todo aquele que pratique devidamente logo chegará a ser espiritual. Sei que para prática correta da presença de Deus, o coração deve estar vazio de todas as demais coisas; só Deus deve possuí-lo, porém não pode possuí-lo sem que esteja vazio de todas as coisas. Não pode atuar ali e fazer nele o que a Ele agrada a menos que seja deixado completamente disponível para Ele. Não existe no mundo uma vida mais doce e deliciosa como aquela que mantém uma contínua conversa com Deus: somente pode compreender aqueles que praticam e experimentam; mas eu não estou te dizendo que faça por esse motivo, porque não é o prazer o que devemos buscar neste exercício; mas devemos fazê-lo

puramente por amor, e devido a que Deus nos quer ali. Se eu fosse um pregador, a minha prioridade seria a pregar a prática da presença de Deus; e se fosse um diretor espiritual exortaria todos a fazê-lo; tão necessário e tão simples penso que é. Ah! Desejamos tanto a graça e a ajuda de Deus, que nunca devemos perder de vista Deus, nem sequer por um momento. Acredite; faça uma imediata, firme e santa resolução de não esquecer Deus voluntariamente nunca mais. Resolve passar o resto dos seus dias na sua sagrada presença, privado de todo consolo, por amor a Ele, se é essa a vontade Dele para você. Se esforce nisto de todo coração, e se fizeres como devido, pode ter certeza que em breve experimentarás seus efeitos. Te ajudarei com minhas orações, pobres como são. Me recomendo encarecidamente a ti, e a aqueles que pertencem a sua santa comunidade.

CARTA VI

Recebi da senhora M- as coisas que você me deu. Surpreende-me que não comente o que pensa sobre o livro que te enviei, e que deve ter recebido. Agora, em tua velhice, ora de coração sobre a prática da presença de Deus; é melhor tarde do que nunca! Não consigo imaginar como pessoas religiosas podem viver satisfeitas sem essa prática. Pela minha parte, continuo retirado na profundidade e no centro de minha alma, tanto quanto posso; e enquanto eu estou assim com Ele nada temo; porém o menor afastamento Dele me resulta insuportável. Este exercício não fadiga o corpo em demasia: no entanto, às vezes (melhor dito, freqüentemente) é apropriado privá-lo de muitos pequenos prazeres inocentes e autorizados: porque Deus não vai permitir a uma alma que quer ser inteiramente consagrada a Ele encontre prazeres em outras coisas e não Nele; isto é mais do que razoável. Não estou dizendo que devemos nos impor repressões violentas. Não, devemos de servir a Deus com uma santa liberdade, devemos de fazer nosso trabalho fielmente, sem preocupação nem intranqüilidade; fazendo voltar nossa mente a Deus suavemente e com calma, sempre que percebermos que está se desviando Dele. No

entanto, é necessário colocar toda a nossa confiança em Deus, pondo de lado todos os outros cuidados da vida, e até mesmo algumas formas particulares de devoção que embora muito boas em si mesmas, muitas vezes você se submerge irracionalmente nelas, esquecendo que estas devoções são apenas meios para atingir o fim. Quando por meio deste exercício da presença de Deus estamos com Ele (que é o nosso propósito), é inútil retornar a estes meios; porém podemos continuar com o nosso tratamento de amor com Ele, perseverando na sua santa presença; às vezes por um ato de louvor, adoração, ou desejo; outras vezes por um ato de renúncia, ou de ação de graças, e em todas as outras maneiras que nosso espírito possa desenvolver. Mas não se desencorajés pela rejeição que, por causa de sua própria natureza, possa encontrar fazendo isso; você deve se sacrificar. No início, freqüentemente você pensa que é tempo perdido. Mas você deve ir em frente, e resolver perseverar nele até a morte, apesar de todas as dificuldades que possam surgir. Me recomendo as orações de sua Santa comunidade, e as suas em particular. Sou teu em nosso Senhor.

CARTA VII

Tenho uma grande compaixão por você. Será de grande importância se deixares seus assuntos aos cuidados de M-- e passar o resto de sua vida apenas adorando a Deus. Ele não requer grandes coisas de nós, recordar-se um pouco de vez em quando, um pouco de adoração: às vezes para orar por sua graça, às vezes para oferecer seus sofrimentos, e às vezes para voltar-se a Ele agradecendo pelos favores que há concedido (e, todavia lhe concede) no meio de suas preocupações, e para consolar-se com ele tão freqüentemente quanto possas. Eleve seu coração a Ele, mesmo durante a sua refeição, e quando estiver na companhia de outras pessoas: até mesmo o menor pensamento posto n'Ele será aceitável. Não há necessidade de bradar em voz alta, ele está mais perto de nós do que nos damos conta. Para estar com Deus não é necessário estar sempre na Igreja; nosso coração pode ser o oratório onde podemos nos retirar de vez em quando para conversar com Ele em mansidão, humildade e amor. Cada um é capaz de manter uma conversa familiar com Deus, alguns mais, outros menos: Ele sabe o que podemos fazer. Então vamos começar; talvez ele não espere senão uma generosa decisão da nossa parte. Seja corajoso!

Temos muito pouco tempo para viver, e você já está perto de sessenta e quatro anos, e eu tenho quase oitenta. Vivamos e morramos com Deus: Se estamos com Ele, os sofrimentos serão doces e agradáveis para nós, e sem ele, o maior prazer será um castigo cruel para nós. Seja bendito por todos. Amén. Habitue-se a adorá-lo gradualmente, a suplicar por sua graça, a oferecer seu coração de vez em quando, no meio de seus trabalhos, e a cada momento que você puder. Não se confines escrupulosamente a certas regras, ou formas particulares de devoção, mas age com uma ampla confiança em Deus, com amor e humildade. Tem a segurança que conta com minhas pobres orações, e que eu sou seu servo, e seu particularmente.

CARTA VIII

Não me disse nada de novo: você não é o único que está preocupado com os pensamentos erráticos. Nossa mente é extremamente dispersa, mas como a vontade é ama de todas as nossas faculdades, ela deve recapturá-los e trazê-los de volta para Deus, que é a meta final de todo pensamento. Se nossa mente contraiu o mau hábito de vaguar e se dispersar, vai ser difícil vencê-los, porque somos atraídos para essas coisas da terra, mesmo contra a nossa vontade. Creio que este é um remédio para confessar nossos pecados, e nos humilhar diante de Deus. Não estou sugerindo que você use muitas palavras na oração, porque muitas palavras e longos discursos freqüentemente nos submergem nestas divagações: Mantenha-se em oração diante de Deus, assim como um mudo ou um parálítico mendiga na porta de um homem rico: que seu trabalho seja manter sua mente na presença do Senhor. Se por vezes a sua mente divaga, e se afasta d'Ele, não se inquiete por isso; a preocupação e ansiedade servem mais para distrair a mente, que para concentrá-la em Deus. A vontade deve conduzi-la a um estado de tranqüilidade; se perseverar nesse modo de fazer as coisas, Deus terá piedade de você. Uma forma de

recapturar a mente facilmente na hora da oração, e mantê-la tranqüila, é não se permitir divagar. Mantenha a sua mente estritamente na presença de Deus, e quando você se acostumar a pensar n'Ele freqüentemente, achará fácil manter a mente calma na hora da oração, ou, pelo menos, re-capturada de suas divagações. Nas minhas cartas anteriores mencionei os benefícios que podemos obter desta prática da presença de Deus: Leve isto a sério, e oremos uns pelos outros.

CARTA IX

O que te escrevo é uma resposta a algo que recebi de --. Ora para que se a envie. Acho que ela está cheia de boa vontade, mas quer ir mais rápido do que graça. Ninguém se torna um santo imediatamente. Eu te recomendo esta irmã. Porque temos de ajudar advertindo uns aos outros, mas muito mais através dos nossos bons exemplos. Ficarei muito grato se você me falar alguma coisa sobre ela de vez em quando, porque ela é muito fervorosa e obediente. Pensemos muitas vezes que a nosso único trabalho nesta vida é agradar a Deus e, talvez, todo o resto não é nada mais que tonteira e vaidade. Tu e Eu temos vivido durante mais de quarenta anos na vida monástica. Temos usado para amar e servir a Deus, que em sua misericórdia nos chamou a este estado e, para esse fim? Quando reflito sobre os grandes favores que Deus fez e continua fazendo incessantemente, e sobre o mau uso que deles faço, meu pequeno progresso no caminho para a perfeição, me encho de vergonha e confusão. Devido a sua misericórdia ainda nos concede um pouco de tempo, comecemos diligentemente a recuperar o tempo perdido, retornemos com segurança para aquele Pai de misericórdias que sempre está dis-

posto a receber-nos afetuosamente. Renunciemos, renunciemos generosamente por amor a Ele a tudo que não seja Ele mesmo. Ele merece infinitamente mais. Pensemos n'Ele perpetuamente. Coloquemos toda nossa confiança em Deus: não tenho dúvidas de que receberemos em breve a abundância de sua graça, com a qual podemos fazer todas as coisas, e sem a qual não podemos fazer nada, exceto pecar. Não podemos escapar dos perigos que abundam na vida sem a ajuda real e contínua de Deus. Oremos a Ele continuamente por isto. Como podemos orar a Deus sem estar com ele? Como é que podemos estar com Ele, se não pensamos nele continuamente? E como podemos pensar continuamente, se não tivermos formado o santo hábito de fazê-lo? Dirás-me que sempre estou falando a mesma coisa. É verdade, porque esse é o melhor e mais fácil método que conheço, e não uso nenhum outro. Lembro a todos sobre isto. Devemos saber antes de poder amar. A fim de conhecer Deus, devemos pensar freqüentemente n'Ele, e quando chegarmos a amá-lo, então pensaremos n'Ele freqüentemente, porque o nosso coração estará com nosso tesouro.

CARTA X

Tem sido muito difícil obrigar-me a escrever a M. -- e o faço agora puramente porque você e Madame o querem de mim. Por favor, escreve o endereço e lhe envia a carta. Estou muito contente com a confiança que têm em Deus: Quisera que Ele aumentasse mais e mais: nunca seria demasiado o que poderíamos ter de tão bom e fiel Amigo que nunca nos faltara neste mundo nem no vindouro. Se M. - tirar proveito da perda que teve, e colocar toda a sua confiança em Deus, Ele lhe dará outro amigo, mais poderoso e mais inclinado a lhe servir. Deus dispõe dos corações como ele quer. Talvez M. - estivesse demasiado preso ao que perdeu. Devemos amar os nossos amigos, porém sem colocá-los acima de Deus, que deve ser o principal. Por favor, recorda que te recomendei pensar freqüentemente em Deus, dia e noite, em seu trabalho, e mesmo nas suas diversões. Ele está sempre próximo de você e contigo; não o deixes só. Acha que é mal educado deixar só um amigo que veio visitar-te? Por que então Deus tem que ser negligenciado? Não se esqueça, pense n'Ele freqüentemente, adora-o continuamente, vive e morre com Ele. Essa é mais gloriosa ocupação de um cristão. Esta é a nossa profissão no mundo. Se

não sabemos devemos aprender. Vou me esforçar para ajudá-lo com minhas orações. Eu sou teu em nosso Senhor.

CARTA XI

Não oro para você se livrar de suas dores. Oro a Deus fervorosamente para que te dê força e paciência para suportá-las durante o tempo que Ele queira prolongá-las. Consola-te com ele enquanto se mantém amarrado a cruz. Ele te liberará quando lhe pareça oportuno. Felizes aqueles que sofrem com Ele. Habituem-se a sofrer desta maneira, e busque encontrar n'Ele a força para suportar tudo e durante tanto tempo como Ele julgue necessário. Os homens do mundo não compreendem estas verdades. Nem devemos nos surpreender com isso porque eles sofrem com o que são, e não como cristãos. Eles consideram a doença como uma dor natural, e não como um favor de Deus. E vendo apenas sobre essa luz, somente encontram aflição e angústia. Mas aqueles que acreditam que a doença vem das mãos de Deus, como efeito de sua misericórdia e como meio que Ele usa para sua salvação, comumente encontram nisto grande doçura e consolação. Desejo que te convenças que Deus freqüentemente está mais próximo de nós, e mais efetivamente presente conosco na doença do que em saúde. Não confie em nenhum outro médico, porque entendo que Deus reserva sua cura para Si Mesmo. Põe toda sua confiança n'Ele, e

em breve você verá que se recuperas, devido a essa confiança. Somos nós que retardamos nossa cura porque colocamos maior confiança na medicina que em Deus. Sejam quais forem os remédios que utilize, te servirão na medida em que Ele permita. Quando as dores provêm de Deus, só Ele pode curar. Com freqüência Ele envia enfermidades para o corpo para curar as doenças da alma. Consola-te com o Médico Soberano, que é um médico tanto da alma como do corpo. Posso prever que me dirá que estou muito tranqüilo porque posso comer e beber na mesa do Senhor. Você tem razão. Porém pensa, não seria doloroso para o maior criminoso do mundo, comer à mesa do rei e ser servido por ele, receber esses favores, sem estar seguro do seu perdão? Creio que sentiria uma inquietude extremamente grande e que nada poderia moderar exceto a confiança na bondade de seu soberano. Assim posso assegurar que desfruto de inumeráveis prazeres na mesa de meu Rei, no entanto, os meus pecados (sempre presentes na frente dos meus olhos, bem como a incerteza do meu perdão) me atormentam, embora na verdade esse tormento em si é agradável. Deve estar satisfeito com a condição em que Deus te pôs. Por mais feliz que eu possa ser, eu o invejo. As dores e o sofrimento seriam um paraíso para mim, enquanto sofrê-los com o meu Deus, e os maiores prazeres seriam um inferno se eu tivesse que desfrutá-los sem Ele; todo

o meu consolo seria sofrer alguma coisa por amor a Ele. Em pouco tempo eu devo estar com Deus. O que me conforta nesta vida é que agora o vejo pela fé, e o vejo de uma maneira tal que às vezes posso dizer: “Não creio mais, vejo mais.” Sinto que a fé nos ensina, e que na segurança e a prática da fé, viverei e morrerei com Ele. Continua então, sempre com Deus. Este é o único consolo e apoio para sua aflição. Vou rogar-Lhe para que esteja contigo. Ofereço-me a seu serviço.

CARTA XII

Se estamos acostumados com o exercício da presença de Deus, encontramos grande alívio para todas as enfermidades físicas. Frequentemente Deus permite que soframos um pouco para purificar nossa alma e obrigar-nos a continuar com Ele. Tenha coragem, oferece a Ele suas dores incessantemente, ora pedindo forças para suportar. Acima de tudo, adquira o hábito de passar o tempo frequentemente com Deus, e esquecê-lo o mínimo que possa. Adóra-o em sua enfermidade. Oferece-te a Ele de vez em quando. E quando seus sofrimentos estejam no seu ponto mais alto, roga-lhe humilde e afetuosamente (como um filho a seu pai), para que possa conformar-te com sua santa vontade. Vou me esforçar para ajudar-te com as minhas pobres orações. Deus tem muitas maneiras de nos atrair para Si Mesmo. Às vezes se oculta de nós. Só fé deve ser o nosso sustentáculo. A fé é o cimento da nossa confiança, e deve estar posta toda em Deus, que não nos falhara em tempo de necessidade. Não sei o que Deus vai querer de mim. Sempre estou feliz. Todo mundo sofre; e eu que mereço a disciplina mais severa, experimento de forma contínua alegrias tão grandes que a duras penas posso contê-las. Quisera pedir a Deus vo-

luntariamente parte de seus sofrimentos. Conheço a minha debilidade, que é tão grande que se ele me deixar entregue a mim mesmo por um momento, seria o mais miserável dos seres vivos. No entanto, sei que não vai me deixar só, porque a fé me dá uma convicção tão grande como meus sentidos poderiam fazê-lo. Ele nunca nos abandonará sem que nós o abandonemos primeiro. Tenhamos temor de deixá-lo. Estejamos sempre com Ele. Vivamos e morramos em sua presença. Ora por mim como eu oro por você.

CARTA XIII

Me dói vê-lo sofrer por tanto tempo. O que me dá algum alívio e doçura é o sentimento que tenho sobre suas dores, que são a prova do amor de Deus por você. Mira tuas dores nessa perspectiva, e as suportará mais facilmente. Penso que deverias pôr de lado os remédios humanos, e se entregar inteiramente à providência de Deus. Talvez Ele espere somente essa entrega (e uma perfeita confiança n'Ele) para poder curar-te. No entanto, devido a que todos os cuidados médicos até agora têm demonstrado serem inúteis e seus males têm aumentado, não será tentar a Deus abandonar-se em suas mãos, e esperar tudo Dele. Eu disse na minha última carta, que às vezes Ele permite as enfermidades do corpo para curar as doenças da alma. Tem ânimo. Transforma em uma virtude a sua necessidade. Não peça a Deus que te libere das suas dores, mas que lhe dê forças para suportar resolutamente (por amor a Ele) tudo o que Ele queira permitir, e tanto quanto Ele gostaria de permitir. Essas orações, certamente, são um pouco difíceis de oferecer, porque elas vão contra a nossa natureza humana, mas são muito aceitáveis a Deus, e doces para aqueles que o amam. O amor suaviza a dor. E quando se ama a Deus, se sofre por amor a

Ele com alegria e coragem. Eu rogo para que o faça. Consola-se n'Ele, que é o único Médico de todas as nossas enfermidades. Ele é o Pai dos aflitos, e sempre está disposto a nos ajudar. Nos ama infinitamente mais do que podemos imaginar. Então, ama-o, e não busque nenhum consolo em qualquer outra parte. Espero que em breve o receba. Adeus. Te ajudarei com minhas orações, pobres como são, e sempre serei seu, em nosso Senhor.

CARTA XIV

Agradeço ao nosso Senhor, porque de acordo com a sua vontade, te aliviou um pouco. Frequentemente tenho estado perto de expirar, ainda que nunca me senti tão satisfeito como então. Portanto não orava pedindo alívio, mas orava pedindo por força para sofrer com coragem, humildade e amor. Ah, como é doce a sofrer com Deus! Não importa quão grande pode ser os sofrimentos, os aceita com amor. É um paraíso sofrer e estar com Ele. Se nesta vida vamos usufruir da paz do paraíso, devemos nos habituar a ter uma conversa familiar, humilde e afetuosa com Ele. Devemos evitar que nosso espírito divague e se afaste Dele, em qualquer ocasião. Devemos fazer de nosso coração um templo espiritual de onde possamos adorá-Lo sem cessar. Devemos nos vigiar continuamente, para que não façamos, nem digamos nem pensemos nada que possa desagradar. Quando ocupamos assim nossa mente com Deus, os sofrimentos chegam a ser cheios de unção e consolação. Sei que para chegar a este estado, o início é muito difícil, porque temos de agir apenas com base na fé. Mas, embora seja difícil, sabemos também que podemos fazer todas as coisas com a graça de Deus, que Ele nunca recusa a aqueles que

pedem ardentemente. Chama, persevera em chamar, e eu te digo que ele vai se abrir em seu devido tempo, e te concederá tudo que Ele tenha adiado por muitos anos. Adeus. Ora a Deus por mim, e eu oro por você. Espero ver Deus em breve.

CARTA XV

Deus sabe melhor do que ninguém o que precisamos, e tudo o que faz é para o nosso bem. Se soubéssemos o quanto nos ama, sempre estaríamos preparados para receber de igual forma e indistintamente da sua mão, o doce e amargo; Tudo o que vem de Deus nos agrada! As aflições mais agudas parecem intoleráveis quando as vemos com a luz equivocada. Quando vemos nossas aflições vindas das mãos de Deus, quando sabemos que é nosso Pai amoroso que nos humilha e nos afligi, nossos sofrimentos perdem a sua amargura, e chegam a ser fatores de consolação. Que toda nossa ocupação seja conhecer Deus. Quanto mais o conhecemos, mais desejamos conhecê-lo. O conhecimento é normalmente a medida do amor. Quanto mais profundo e extenso seja o nosso conhecimento, maior será o nosso amor. Se o nosso amor a Deus for grande conhecê-lo amaremos igualmente nas dores e nos prazeres. Não nos distraíamos buscando o amado Deus por alguns favores (não importa os quão elevados sejam) que nos tenha feito, ou possa nos fazer. Tais favores, ainda que sejam muito grandes, não podem nos aproximar de Deus como a fé o faz em um simples ato. Busquemos a Deus freqüentemente pela fé.

Ele está dentro de nós. Não o busquemos em outro lugar. Não somos desconsiderados e somos dignos de repreensão, se Lhe deixamos só, para nos ocupar de insignificâncias que não Lhe agradam, e talvez o ofendam? Devemos temer que estas insignificâncias algum dia nos custarão caro. Começemos a dedicar-nos a Ele com toda a seriedade. Coloquemos de lado tudo o que está em nossos corações. Ele deve possuí-lo plenamente. Supliquemos este favor a Ele. Se fizermos o que podermos de nossa parte, em breve veremos que se produz em nós essa mudança que aspiramos. Não posso agradecer o suficiente pelo alívio que te há concedido. Espero ver Deus dentro de uns dias. Oremos um pelo outro.

Traduzido por Roberto Azevedo janeiro de 2009 da
versão em espanhol de Eduardo B. Coria de Janeiro 2002

A PRÁTICA DA
PRESENÇA DE
DEUS

IRMÃO LAWRENCE
por Nicholas Herman